

QUESTÕES GERADAS EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM

albufeira. Mas também deve-se ter em conta que não teria sido possível detectar e registar os diversos vestígios arqueológicos existentes há tanto tempo caso não aparecesse a ideia de construir uma barragem neste espaço.

3.1 Intervenção no Castelo da Lousa

O projecto de Alqueva interferiu com uma dezena de monumentos do “território megalítico”, inundando diversas antas que se encontravam nas cotas mais baixas, junto aos rios Álamos e Degebe.

Com as escavações de salvamento a estas estruturas megalíticas percebeu-se que estas encontravam-se muito danificadas. Deste modo, foi excluída a hipótese de remoção e reconstrução das antas em outros locais e concluiu-se que seria mais benéfico melhorar a sua resistência aos efeitos da submersão, através de uma “selagem” para protecção da erosão.

O Castelo da Lousa foi uma operação que teve algum destaque visto ser classificado como monumento nacional. Este encontrava-se a cerca de 20 km da barragem de Alqueva e a 2,5 da povoação da Luz, no concelho de Mourão.

Segundo o Arqueólogo Dr. António Carlos Silva este era considerado como sendo uma *“Grande e complexa estrutura arquitectónica romana construída no séc. I a.C. e com ocupação que se prolonga até ao séc. I d.C.. Foi objecto de extensas escavações na década de 60 por Afonso de Paço e Bação Leal. Considerado por alguns autores como uma “villa fortificada”, situa-se na margem esquerda do Guadiana sobre um esporão de acesso difícil. De planta rectangular com cerca de 23 x 20m, tem muros de xisto de 2m de espessura, que nalguns casos se conservam até 5,7m de altura. Uma única porta de acesso ficava virada a Leste. No Centro, uma cisterna desde a 8m de profundidade. Os compartimentos, de dimensões irregulares, providos de frestas, dispunham em redor do pátio. Uma escada do lado oriental dava acesso ao interior da “villa”.”*³¹ (Dr. António Carlos Silva)

Posto isto, foi então necessário o LNEC (Laboratório Nacional de Engenharia Civil) verificar o estado de conservação do monumento e decidir quais as medidas essenciais para obstar os danos irremediáveis produzidos pela submersão.

Deste modo, concluiu que se tratava de uma construção de alvenaria de pedra seca de xisto, sendo as faces exteriores formadas por grandes blocos de pedra aparelhadas com cerca de 2 m de espessura e as paredes interiores de 0,80 m de espessura encontravam-se mais irregulares. Contudo diversas áreas encontravam-se danificadas, em particular as paredes exteriores, sendo assim necessárias medidas urgentes para garantir a sua conservação.

Como conclusão do seu estudo perceberam que o contacto prolongado com a água

não iria provocar danos sensíveis de natureza química na superfície da pedra, no entanto terá efeitos negativos se a construção estiver sujeita a alternâncias de submersão e emersão, devido às características do xisto (as alternâncias de molhagem e de secagem podem provocar a desagregação deste material).

O LNEC sugeriu, portanto, que o Castelo fosse protegido por uma máscara de enrocamento de blocos de xisto, fundada no maciço rochoso e adossada ao monumento.

Porém, o aumento de alargar os estudos arqueológicos a outras áreas na envolvente do monumento, bem como a necessidade de encurtar o prazo de execução de obras, estudou-se uma nova solução. Esta consistia no envolvimento do Castelo com sacos de geotêxtil preenchidos com areia e cascalho e posteriormente com sacos geotêxtis preenchidos com betão. Esta camada exterior deveria ter uma permeabilidade elevada.

3.2 Intervenção no Cromeleque do Xerez

O Cromeleque do Xerez foi outro monumento de relevância no plano de minimização de impactos do projecto de Alqueva.

Este situava-se a cerca de 3km a sul da antiga vila de Monsaraz e a 12km a nascente de Reguengos de Monsaraz e foi erguido por uma comunidade de pastores e agricultores à cerca de 5 000 anos a.C..

Define-se como sendo um recinto megalítico quadrangular com 20m de lado, constituído por 52 menires ovóides em granito. No centro encontra-se um menir de corpo oblongo, subcilíndrico e de extremidade fálica, de grandes dimensões.

Este monumento foi identificado em 1969 como o primeiro de planta rectangular conhecido no actual território português e um dos raros cromeleques existentes na Europa com tal configuração.

Em Novembro de 2001 iniciou-se a remoção do conjunto dos menires que desde 2004, se encontram instalados junto de Orada, em Monsaraz. Este é considerado como símbolo da intervenção arqueológica, orientada pela EDIA.



Fig. 50 e 51 Castelo da Lousa antes da intervenção e início das obras de salvaguarda do monumento, respectivamente

³¹ SANCHES, Rui, PEDRO, José Oliveira - Empreendimento de fins múltiplos de Alqueva . Beja . EDIA . 2006 . Pág. 238